



## LEOPOLDO DE FREITAS E AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA REVISTA *O PIRRALHO*

Vinicius Furquim de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo identificar as representações da população negra nas páginas da revista paulistana *O Pirralho*, a partir da observação crítica de caricaturas e de textos veiculados pelo periódico. Para tanto, utiliza-se de edições do ano de 1912 como fonte. Além da análise geral das representações, dá-se especial destaque para o episódio de discriminação empreendido pela revista contra o escritor Leopoldo de Freitas. A argumentação principal é a de que o periódico, embora reconhecido por sua irreverência, particular ao ambiente do *modernismo* estético, reproduzia estereótipos que contribuíam para a manutenção dos lugares sociais da população negra no contexto do Pós-abolição.

**Palavras-chave:** O Pirralho; Leopoldo de Freitas; Representação; Estereótipos; Relações raciais.

### LEOPOLDO DE FREITAS AND THE REPRESENTATION OF THE BLACK PEOPLE IN THE MAGAZINE *O PIRRALHO*

**Abstract:** This article aims to identify the representations of black people in the pages of the magazine *O Pirralho*, with critical observations on the caricatures and texts published by the journal. For this purpose, editions issued in 1912 are used as primary sources. In addition to the general analysis of such representations, special emphasis is given to the event of discrimination perpetrated by the magazine against Leopoldo de Freitas, writer and public figure. The main argument is that the journal, although recognized for its irreverence, typical to the environment of aesthetic *modernism*, reproduced stereotypes that contributed to the maintenance of the social places of black people in the post-abolition context.

**Keywords:** O Pirralho; Leopoldo de Freitas; Representation; Stereotypes; Race relations.

### LEOPOLDO DE FREITAS Y LAS REPRESENTACIONES DEL NEGRO EN LA REVISTA *O PIRRALHO*

---

<sup>1</sup>É mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS, na área de concentração de Estudos Históricos Latino-Americanos. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a mobilidade social e trajetórias afro-brasileiras na região sul e sudeste do Brasil. E-mail: [vinicius.furquim.almeida@gmail.com](mailto:vinicius.furquim.almeida@gmail.com)



**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo identificar las representaciones de la población negra en las páginas de la revista *O Pirralho*, a partir de la observación crítica de caricaturas y textos publicados en ella. Para ello, se utilizan como fuente las ediciones del año 1912. Además del análisis general de las representaciones, se hace hincapié en el episodio de discriminación realizado por la revista contra el escritor Leopoldo de Freitas. El argumento principal es que la revista, aunque reconocida por su particular irreverencia al entorno del modernismo estético, reprodujo estereotipos que contribuyeron al mantenimiento de los lugares sociales de la población negra en el contexto de la post-abolición.

**Palabras clave:** O Pirralho; Leopoldo de Freitas; Representación; Estereotipos; Relaciones raciales.

### LEOPOLDO DE FREITAS ET DES REPRESENTATIONS DU NOIR DANS LE MAGAZINE *O PIRRALHO*

**Résumé :** Cet article vise à identifier des représentations de la population noire dans les pages du magazine *O Pirralho*, en partant de l'observation critique des caricatures et des textes y véhiculés. À cette fin, des éditions de l'année 1912 sont les sources utilisées. En plus de l'analyse générale des représentations, une attention particulière est accordée à l'affaire de la discrimination effectuée par le magazine contre l'écrivain Leopoldo de Freitas. L'argument principal est que le magazine, bien que reconnu pour son irrévérence, particulière à l'environnement du *modernisme* esthétique, reproduisait des stéréotypes qui ont contribué au maintien des lieux sociaux de la population noire dans le contexte du post-abolition.

**Mot-clé :** O Pirralho ; Leopoldo de Freitas ; Représentation ; Stéréotypes ; Relations raciales.

### INTRODUÇÃO

Por ocasião do 13 de maio de 2020, data histórica que demarca a assinatura da Lei Áurea pela princesa imperial Isabel, no ano de 1888, pondo fim oficial, então, à escravidão no Brasil, foi publicado no portal *Brasiliiana Fotográfica* um texto intitulado *A mulher negra de turbante, de Alberto Henschel* (MAGALHÃES; RAINHO, 2020). Ali, as autoras Aline Magalhães e Maria Rainho discutiam os usos que a imagem de uma mulher negra, registrada pelo fotógrafo Alberto Henschel em 1870, teve na sociedade brasileira desde então, especialmente no contexto recente de divulgação pouco criteriosa dos meios de buscas virtuais.

Em seu texto, as autoras informavam, dentre outras coisas, que a imagem não possui qualquer referencial de identificação – com exceção da autoria – e que, por isso,

tem sido muito comum o seu uso para representar a figura histórica da ex-escravizada Luísa Mahin, personagem que participou da *Revolta dos Malês*, no estado da Bahia, em 1835.<sup>2</sup> A partir de um interessante processo no qual uma imagem sem referência é adaptada a uma personagem com referência – mas sem imagem, *A mulher de turbante* acabou por ser aceita, em um processo verdadeiramente anacrônico, como uma das recentes expressões máximas da mulher negra brasileira histórica. As autoras perguntam-se, enfim, quais as razões de tais adaptações e, como uma das respostas, argumentam que em face das lutas relativas ao feminismo negro, a imagem de *A mulher negra de turbante* hoje é tomada na tentativa de dar um rosto a uma luta, de modo a fazer com que o corpo negro que foi registrado no Oitocentos, sempre sob a ótica do alheio e do estranho,<sup>3</sup> passe a ter uma identidade, mesmo que genérica, e que ganhe protagonismo “na construção da memória afro-diaspórica no Brasil” (MAGALHÃES; RAINHO, 2020).

Parte desta demanda contemporânea dos movimentos sociais pela igualdade racial encontra suas razões em um processo histórico que, geralmente de forma unilateral, definiu o que era o “ser negro”, desde a sua morfologia até as dimensões de sua ontologia, a partir, primeiro, de bases religiosas e, depois, de bases científicas. Trata-se, assim, da composição de estereótipos, em perspectiva processual, sobre o corpo, o pensamento, e as formas de organização social e histórica da população negra, com os quais fundamentou-se a hierarquização entre grupos humanos que basearam as práticas escravistas, coloniais e neocoloniais (CALDEIRA, 2013, p. 38–49; CHRÉTIEN, 1999, p. 130–139; MANJI, 2019, p. 52–57; SCHWARCZ, 1993, cap. II; SELA, 2006, p. 15–58; SEYFERTH, 1994; SILVEIRA, 1999).

Por isso, retomar o protagonismo da população negra na história do Brasil, implica, por um lado, o processo de construção de trajetórias e movimentos sociais ao longo do tempo; por outro, a prática analítica de decomposição de modelos interpretativos e de representação que contribuíram para a depreciação destas trajetórias, para a sua omissão, e para a propagação de distorções sobre a imagem do homem e da mulher negra.

---

<sup>2</sup> Para uma exposição sobre o que há de mito, de realidade, e sobre a importância da representação de Mahin para as lutas sociais da população negra, ver GONÇALVES, 2011.

<sup>3</sup> Para uma análise mais detalhada do trabalho fotográfico de Alberto Henschel, especialmente sob a ótica da produção da alteridade, ver CARDIM, 2012.



Se as manifestações de apropriação imagética feitas na contemporaneidade têm sua *raison d'être* em operações discursivas discriminatórias identificáveis, ao menos desde o princípio do século XIX, havemos de historicizar os caminhos que conduzem esses mais de dois séculos de composições narrativas, em perspectiva contextual, considerando os arranjos políticos, sociais e culturais para apreendermos a relação entre a realidade e o discurso sobre a realidade (HOFBAUER, 2003, p. 92).

Este artigo insere-se na referida análise contextual da composição de estereótipos raciais no Brasil, e tem por objetivo identificar como tais modelos representativos da população negra foram elaborados nas páginas da revista paulistana *O Pirralho*, ao longo da década de 1910 – especificamente no ano de 1912 - a partir da observação de caricaturas e de textos veiculados por tal periódico. Além da observação geral destas representações, darei especial destaque para as formas como foi representada a figura do escritor Leopoldo de Freitas.

### ***O PIRRALHO: O MODERNISMO DOS OLHOS DE QUEM VÊ***

A revista *O Pirralho* foi fundada pelos escritores Oswald de Andrade e Dolor de Brito em 1911, com seu primeiro número lançado em agosto daquele ano. A iniciativa tinha por objetivo retratar em suas páginas a crônica social da cidade paulista, assim como as figuras nacionais da política e das letras.<sup>4</sup> Ao longo de seus números, *O Pirralho* vinculava uma variedade de modalidades textuais, indo do texto político aberto ao poema, passando por textos noticiosos (ou quase, a contar sua ironia), até a sátira explícita. Além do texto, a revista contou com a arte caricatural de ilustradores como Lemmo Lemmi, que atendia pela famosa alcunha de *Voltolino*, Alfredo Di Cavalcanti, Inácio da Costa Ferreira (o *Ferrignac*), e Jorge Colaço (BORGES, 2009, p. 23–47; BRASIL, 2015; CARRETO, 2011; CHALMERS, 1990, 2015; CRESPO, 1990, p. 42–60). Em atividade até o ano de 1918, a publicação ocupou, portanto, o período que hoje se costuma denominar de *Pré-modernismo* brasileiro, classificação temporal situada nos anos finais do século XIX e

---

<sup>4</sup> O texto de abertura da revista, ao narrar o “nascimento” de *O Pirralho*, dizia que o personagem que dava título à revista, nascera “risonho” e “caçador”. Ver *O Pirralho*, 12 de agosto de 1911, p.1. Neste artigo, as grafias das citações diretas, serão atualizadas.



começo do século XX, e que é delimitada pelo movimento intelectual que viria a seguir, a partir de 1922, o *Modernismo* brasileiro.<sup>5</sup>

Um elemento de destaque entre os pesquisadores que se dedicaram à análise do periódico diz respeito ao seu caráter irreverente e experimental. Em uma de suas frentes, os redatores não mediam críticas aos seus opositores políticos, chegando as raias mais baixas da sátira ao focalizarem o então presidente brasileiro Hermes da Fonseca (1910-1914) (CARRETO, 2011, p. 37; 80–82) e seus correligionários; por outro lado, embora se tratando de um periódico produzido por e direcionado para a elite política e econômica de São Paulo (CHALMERS, 2015; CRESPO, 1990, p. 36), em suas páginas também havia espaço para personagens populares, alheios ao mundo dos salões e *soirées* paulistanos, estrangeiros oriundos do processo imigratório que teve lugar no sudeste brasileiro desde a viragem do século XIX para o XX, além dos próprios populares do país, notadamente personificados na figura do “caipira” da zona interiorana do estado.<sup>6</sup>

Através do retrato cotidiano destas figuras, por textos e ilustrações, também houve na revista – residindo aí o cariz experimental e moderno – seções nas quais personagens destes segmentos subalternos tiveram “voz”. Sob a pena dos próprios redatores, colunas como as *Cartas de Xiririca*, em que o modo de fala interiorana (“caipira”) era transcrito com o forte caráter da oralidade, bem como as *Cartas d'Abax'o Pigues* e *O Biralha – Xornal Allemong*, em que a fala das comunidades ítalo e germano-brasileira eram satirizadas sistematicamente, a revista procurava misturar em um só caldeirão cultural toda a rápida mudança pela qual passava o estado brasileiro que, desde meados do século XIX, passou a ser um dos centros econômicos do país (CARRETO, 2011, cap. I; III; CRESPO, 1990, cap. II; IV). Nestas seções regionalistas, os redatores e ilustradores não só reproduziam a forma de falar dos imigrantes e populares, mas também evocavam os

---

<sup>5</sup> O *Pré-modernismo* como classificação literária não é ponto pacífico entre a crítica especializada. Para uma iniciação no tema, ver, dentre outros, ARAÚJO, 2012; LEITE, 1996, p. 39–46; SILVA, 1999; VELLOSO, 2008. A complexidade do tema pode ser vista em perspectiva histórica a partir da trajetória do escritor Lima Barreto, como se pode ver em SCHWARCZ, 2017, cap. 12; 16.

<sup>6</sup> Embora fosse uma revista fundada por agentes históricos que pertenciam a elite socioeconômica, parece reducionista afirmar que o periódico circulava apenas entre as “altas rodas”. A linguagem modernista que caracterizaria a literatura de vanguarda dos anos 20 - e que já se encontrava esboçada na revista - tinha também por objetivo simplificar a prosa e trazê-la para o real, em uma operação que se contrapunha aos arranjos empolados das vertentes literárias que a precederam. A este propósito, ver SCHWARCZ, 1987; VELLOSO, 2008, p. 359–371.



seus lugares sociais naquele contexto. Além disso, através destes personagens, muito do teor crítico da revista direcionado aos desafetos políticos, assim como suas visões de mundo – daquele mundo em que eles próprios estavam inseridos – ganhavam corpo.

O processo de modernização econômica e cultural pelo qual passou a cidade de São Paulo não carregou *pari passu* a modernização social. Com isso quero dizer que, para a população pobre daquele novo reduto da riqueza brasileira, a modernização tardou a chegar em termos práticos de acesso a bens, serviços, e oportunidades profissionais, e, dentro desta população, considerável número era constituído pela população negra, que, além de tudo, ainda tinha de lidar com um cotidiano de rarefeita cidadania e liberdade (ANDREWS, 2007, cap. III; IV; PINTO, 2014, cap. VII). Se a vanguarda linguística e a irreverência foram elementos definidores da revista entre aquelas que carregaram a semente do modernismo, em muito se poderia dizer que também aí residia o seu caráter discriminatório. Neste contexto do início de século XX, em que a indústria prometia um futuro pujante, “o progresso é inegável, mas a sua limitação, que faz englobá-lo ironicamente com o atraso em relação ao qual ele é progresso, também” (SCHWARZ, 1987, p. 15).

Dos meios de apreender e ironizar aquele universo em transformação, a caricatura foi um poderoso recurso linguísticos de *O Pirralho*. Lemmo Lemmi, o *Voltolino*, foi o mais recorrente dentre os artistas que participaram da revista, e seus desenhos em muito faziam as vezes do texto, comunicando a integridade da mensagem pretendida pelo periódico.<sup>7</sup> Além da capa da revista, que em geral carregava, junto ao título, uma grande caricatura, era comum que algumas páginas fossem reservadas exclusivamente para os desenhos.

Em termos conceituais, Sylvia Leite nos lembra que a caricatura é uma expressão visual que aposta na deformação, no exagero e na retenção de particularidades com o intuito de fixar a disjunção da persona do caricaturado entre a normalidade e a anomalia (LEITE, 1996, p. 20–22). Assim procedendo, a caricatura produz estereótipos, profundos

---

<sup>7</sup> João Paulo Lemmo Lemmi (1884-1926) nasceu em São Paulo de pais italianos, e colaborou em vários periódicos do começo do século XX, dentre eles *O Malho* (RJ). Sua atuação foi mais intensa em *O Pirralho*, revista na qual, segundo Renata de Oliveira Carreto, teve papel determinante (CARRETO, 2011, p. 82). Parecer semelhante nos dá Cláudia Fonseca ao dizer que o ilustrador era um dos maiores do Brasil (FONSECA, 2001, p. 35).

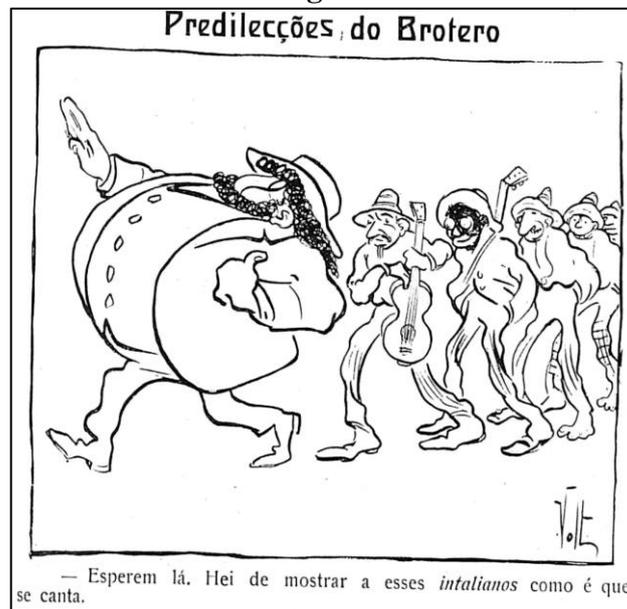


no símbolo e simples na forma, que podem ser de louvação, mas que, em geral, são virulentos em suas motivações principais, a desqualificação e a rejeição.

Em *O Pirralho* conviviam caipiras, italianos e alemães, trabalhadores pobres da classe baixa, em uma narrativa que se propunha a retratar a sociedade em sua diversidade, através de tipos. Mas, e quanto à representação da população negra?

Para que tenhamos uma ideia mais palpável das formas de representação das classes populares – e, mais especificamente, da população negra – empreendidas pelo periódico, vejamos alguns exemplos encontrados ao longo do ano de 1912, o segundo de existência da revista, com 51 números.<sup>8</sup> O retrato que segue, procurava satirizar uma das figuras preferidas dos chistes daquele periódico, o mestre Brotero, músico da cena lírica paulistana:

**Figura 1**



Fonte: *O Pirralho*, 3 de agosto de 1912, nº 52, p.31

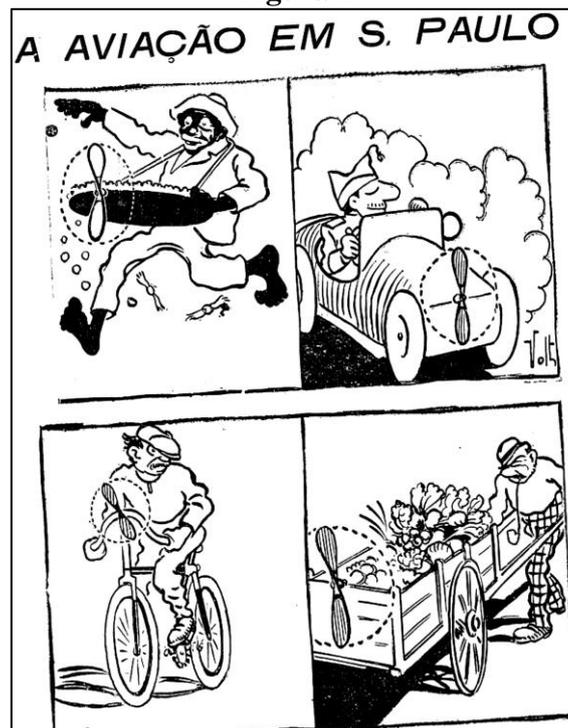
Em primeiro plano, o referido Brotero, liderando um grupo popular, naquilo que seria uma sátira de suas supostas ineficiências profissionais e, ao mesmo tempo, de suas vontades de se igualar aos compositores italianos. A intenção da caricatura era, assim,

<sup>8</sup> Para este ano, o número de ilustrações por edição semanal foi, em média, na ordem de 12, oscilando entre 8 e 18. Não foram consideradas ilustrações relativas às propagandas, que não eram, para este ano, representativas em termos de volume. Para historietas nas quais constavam mais de uma ilustração, a contagem considerou o conjunto, contabilizando 1 unidade, e não as ilustrações individuais.



demonstrar que o músico Brotero não tinha a seu dispor nada além de populares. Do grupo de músicos que segue o rastro de Brotero, entretanto, destaco a representação do homem negro. Se todos os representados na ilustração carregam elementos caricaturais, o homem negro é o que mais destoa pelo exagero representativo: olhos, boca e pele superdimensionados. À mesma conclusão chega-se da representação que saíra em junho daquele ano, também da lavra do caricaturista Voltolino:

Figura 2



Fonte: *O Pirralho*, 1 de junho de 1912, nº 43, p. 8

Na ilustração *A aviação em S. Paulo*, lia-se como legenda da imagem: “não há dúvida, o entusiasmo pela aviação penetrou no sangue dos bandeirantes”. Se desconsiderarmos o personagem que conduz um automóvel, as demais figuras representadas na ilustração podem ser consideradas populares: um homem em trajes simples, em sua bicicleta; um homem empurrando seu carro de hortaliças; e um homem com seu tabuleiro de venda de doces. Em comum, o atribuído entusiasmo com as novidades da aviação, materializado na hélice adaptada às suas práticas cotidianas. Outra vez, contudo, a disparidade representativa relacionada ao homem negro é evidente, com

olhos, boca e pele superdimensionados, em um processo que, ao fim e ao cabo, separa-o do homem “normal” (NOGUEIRA, 1999, p. 45; STREVA, 2016).

Cabe aqui uma menção sobre os demais “tipos” representados na revista para que, assim, seja possível comparar as formas caricatas. Nesse sentido, reporto aqui duas ilustrações veiculadas na edição de 16 de março de 1912, em páginas subsequentes, e uma do dia 6 de abril. Em uma delas (*Imagem 3*), desdobrava-se uma historieta que vinha de outros números, e que tratava de um processo policial no qual membros da comunidade de imigrantes chineses estavam envolvidos por supostas práticas de curandeirismo, no Rio de Janeiro. A historieta ganharia outras ilustrações ao longo dos números daquele ano, como se pode ver na *Imagem 4*. A outra (*Imagem 5*), ilustra a sátira que fora feita pela revista a uma hipotética tomada de poder político pelos militares simpatizantes de Hermes da Fonseca.

**Figura 3:**



Fonte: *O Pirralho*, 6 de março de 1912, n.32, p.8

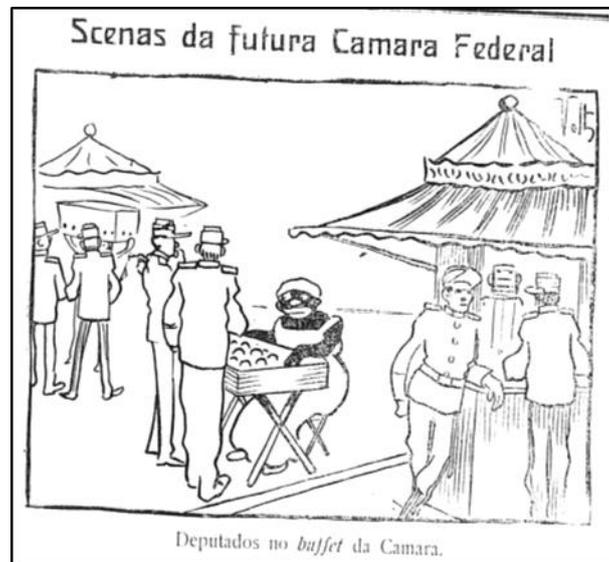


**Figura 4:**



Fonte: O Pirralho, 6 de abril de 1912, n. 35, p.10.

**Figura 5:**

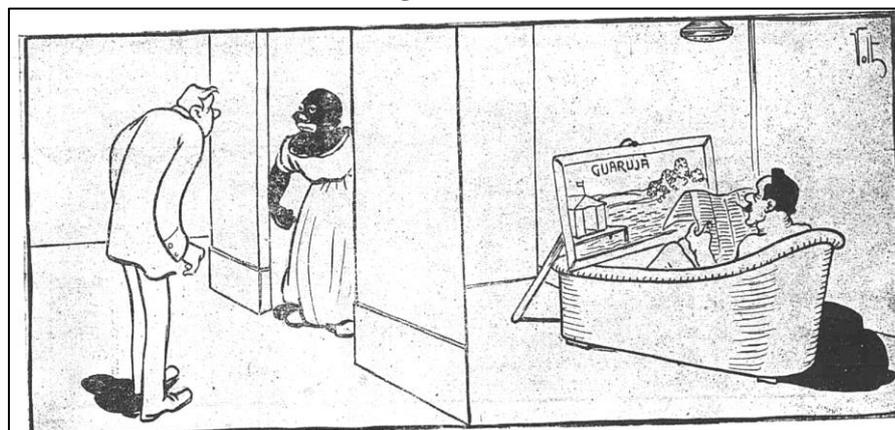


Fonte: O Pirralho, 6 de março de 1912, nº 32, p. 9.



Nas imagens 3 e 4, vemos a caricatura usual na representação oriental, em que a protuberância da arcada dentária superior, para além do detalhe dos olhos cerrados e da vestimenta “típica”, denota a ridicularização da figura. Há, contudo, a ressalva para o elemento humano que ainda se mantém na representação. Na *Imagem 5*, entretanto, a cena outra vez representa a figura do negro – no caso em questão, da mulher negra – deformada, pouco humanizada, ainda que, neste caso, seja o ponto central da ilustração. Procedimento identificado também na *Imagem 6*, em que os dois homens brancos, ainda que um deles esteja em um retrato “pouco honrado”, guardam humanidade, diferente da mulher negra, um borrão.

**Figura 6:**



Fonte: *O Pirralho*, 21 de setembro de 1912, nº 59, p. 16

Ressalto que em nenhuma das ilustrações até aqui evidenciadas, fora a intenção do autor ou da revista proferir ataques de cunho raciais diretos, sendo as mesmas sempre relacionadas a outros temas políticos e sociais, de tal forma que o caráter racial das concepções presentes pelos realizadores do periódico, até aqui, resta subjacente. Não custa lembrar, contudo, a lição de Ernst Gombrich: “la sátira pictórica ha contribuido a este sentimiento de superioridad ciertamente necio al reforzar el estereotipo que cualquier grupo tiene de sí mismo y de los demás” (GOMBRICH, 2003, p. 196).

Antes de retomarmos este ponto, entretanto, apresento outra representação para que problematizemos, também, o recorte social da caricatura sobre o negro em *O Pirralho*, não só como popular, mas, como veremos, como membro das altas rodas sociais. Trata-se de outra sátira direcionada ao músico Brotero, com o acréscimo, neste



caso, de Jacques D'Avray<sup>9</sup>, por conta do que deduzo ser a participação de homens negros nas fileiras da produção cultural da cidade.

**Figura 7**



Fonte: *O Pirralho*, 17 de agosto de 1912, nº 54, p. 19

Nesta ilustração temos a caricatura de homens negros no que poderíamos considerar uma posição social de maior destaque, não trajados com as vestes populares, mas ostentando cartolas e chapéus muito comuns nas fotografias dos bacharéis que a própria revista veiculava, com golas altas, monóculo, bengala e sapatos. Estavam, entretanto, novamente deformados. Não é verdadeiramente possível afirmar, por exemplo, se os homens estão totalmente vestidos, se seus torsos e pernas estão desnudos, assim como não nos é dado ver as linhas que demarcam o cabelo do rosto e, em dois casos, a cabeça da cartola. Os olhos e os lábios, como já vimos, seguem a padronização da deformidade. A mensagem da imagem, contudo, parece-nos mais nítida: esses homens, ainda que portem os símbolos que servem para caracterizar os frequentadores das altas rodas sociais naquele contexto, a elas não pertencem.

Tal constatação sugere questionamentos relativos às intenções dos publicistas em retratar a figura do homem e da mulher negra a partir de características como as que vimos

---

<sup>9</sup> Jacques d'Avray foi o pseudônimo de José de Freitas Valle (1870-1958), poeta, político e advogado sul-rio-grandense.

até aqui. Quais leituras são possíveis empreender em face de tais representações? Uma resposta – e talvez a mais evidente – é aquela que identifica em tais práticas a desumanização do negro na sociedade brasileira, especialmente em se tratando de um período de intensa racialização das relações sociais em face da nova configuração sociopolítica – a República inaugurada em 1889, e a Abolição de 1888 – que, mesmo assegurando a igualdade legal entre os brasileiros, não garantiu condições de desenvolvimento social que contrapusesse a desigualdade resultante dos séculos de escravidão. Neste contexto, os periódicos representam também as ideias hegemônicas e, através de sua atividade – entendidas aqui como práticas culturais – ressaltam as idiosincrasias sociais do país, quase sempre em tons desfavoráveis às camadas populares, com destaque às ilustrações da população negra (ALMEIDA; SILVA, 2013; CHINEN, 2010; FARIAS, 2010; LUSTOSA, 1991). Importa lembrar que o período aqui retratado, conhecido como a Primeira República, era também lugar de produção de conteúdo por e para a população negra, nomeadamente na mesma cidade de *O Pirralho*, através de periódicos, em um esforço político e cultural de valorização do passado e do presente afro-brasileiro (CASTRO, 2017; DOMINGUES, 2018; MOURA, 1994, p. 185–189), e demarcado também pela tentativa da população negra em adequar-se ao modo de vida requerido pela “modernização” da *Belle Époque* (CÔRTEZ, 2012). De tal modo, embora guarde o fito risível, há no período uma batalha de significados sobre a raça, a cor e os lugares sociais travada através da imprensa e das representações.

A ilustração da *Imagem 7*, entretanto, mostra-nos a confusão do contexto, em que os símbolos socioculturais são manipulados para a qualificação e para a desqualificação. Para o referido caso – e para os demais, *lato sensu* – opera-se a partir da deformação, uma das vertentes da desumanização como prática depreciativa, na tentativa de determinar ou, mais precisamente, reestabelecer o lugar social dos sujeitos pelo estranhamento, pela repulsa e mesmo pelo medo, como sugere David L. Smith:

Those who dehumanize others seem to recognize, often enough, that their victims are rational agents to whom notions of desert apply, and characteristically treat them with the sort of cruelty – not mere callousness – that presupposes their humanity (SMITH, 2016, p. 429).



O estabelecimento de padrões comportamentais que identifiquem alteridades, a partir de valores socialmente e historicamente construídos, contribui para a produção de humanidade e do seu oposto, e, entre os polos, há gradações que podem ser usadas tanto entre grupos sociais distintos, quanto intragrupo (HASLAM, 2006). Neste sentido, evoco a dimensão psicossocial da depreciação representativa para aqueles que são representados e para aqueles que representam, ressaltando a historicidade de tais imagens do negro como animal ou como ser de morfologia não humana ao longo do período da escravidão atlântica e mesmo após a emancipação da população afro-americana, sob a perspectiva que entende a extração da humanidade do corpo negro como uma das formas do que Orlando Patterson chamou de “morte social” (PATTERSON, 1982, cap. I).<sup>10</sup> Ainda sobre o tema, é importante evocar o pensamento de Stuart Hall:

El punto importante es que los estereotipos se refieren tanto a lo que se imagina en la fantasía como a lo que se percibe como ‘real’. Y lo que se produce visualmente, por medio de las prácticas de representación, es solo la mitad de la historia. La otra mitad – el significado más profundo – reside en lo que no se dice, pero está siendo fantaseado, lo que se infiere pero no se puede mostrar (HALL, 2014, p. 476).

As representações como práticas sociais, por isso, precisam atentar para as especificidades históricas de produção (CHARTIER, 1989, p. 1508; 1511), de modo a contribuir na apreensão destes lugares sociais em sua formação, pois é sempre importante lembrar: “o negro no Brasil é objeto de estudo como problema na medida que discrepa de que norma ou valor?” (RAMOS, 1995, p. 190)

Com a intenção de aprofundar a tensão perceptível entre o lugar social dos negros e a representação feita pelo periódico, passo a analisar o caso específico da figura caricaturizada de um escritor e homem público do início do século XX naquela capital.

---

<sup>10</sup> A proposição de Patterson parece guardar ainda importância para apreendermos a oposição entre a pretendida modernidade e a manutenção de tintas coloniais e imperiais encontradas nas páginas de *O Pirralho*. Não pela paralização dos agentes, dada a já exaustivamente reconhecida agência dos escravizados em seus contextos históricos, em suas estratégias de negociação e permeabilidade social (BROWN, 2009; SWEET, 2013), mas nas permanências das imagens da escravidão no Ocidente e em seu impacto nocivo nas relações sociais.

**“SEM QUERER, A GENTE LEMBRA-SE DO DR. LEOPOLDO DE FREITAS”**

No dia 18 de maio de 1912 saía mais um número da revista *O Pirralho*. Profusamente abastecida de poemas, notas satíricas e de costumes, textos experimentais sobre política, e as recorrentes ilustrações caricatas. Correria cinco dias desde o 13 de maio, data que, naquela altura, demarcava as pouco mais de duas décadas desde a Abolição da Escravidão de 1888. Em face da passagem deste dia, calhou de a revista agregar na edição que saía alguns dias depois qualquer menção à data que, historicamente dividiu opiniões sobre se celebrada ou criticada (GUIMARÃES, 2011; MENDONÇA, 2014; SIQUEIRA, 2018). Também como um indício desta dubiedade de significados da data, mas, sobretudo, como exemplo da forma como o homem negro que possuía acesso aos símbolos distintivos de que tratei ainda há pouco, apresento a ilustração que segue:

**Figura 8:**

Fonte: *O Pirralho*, 18 de maio de 1912, nº 41, p. 8

A representação, diferente daquelas que vimos até aqui, apresenta uma figura bem trajada em fraque e gravata borboleta, sapatos finos e bastão. Os adereços, em muito, assemelham-se aos da representação do grupo de homens da *Imagem 7*, embora nesta imagem não exista o elemento supervalorizado da cor e da deformidade. Pode-se dizer



que o indício do “elemento afro” da imagem é o não menos caricato e sugestivo aspecto simiesco da expressão facial do representado, com largas narinas e protuberância maxilar. Interessa também a expressão de espanto e contrariedade do personagem que parece ter sido pego de surpresa com a expressão do título “viva o treze de maio...”, ao que respondera: “Treze de maio é a avó...”.

A que se deve a relativa amenidade de tal representação? *Voltolino*, o ilustrador, reconhecia a não menos relativa posição social privilegiada do retratado que, em fraque e gravata, não poderia – e, aparentemente, nem queria – ser relacionado ao passado escravista? Não há respostas precisas para essas perguntas, infelizmente. Depreende-se da representação, contudo, outra forma de retratar a população negra na Primeira República paulistana que se relaciona ao homem negro não subalterno, com certo trânsito social. Aprofundo esta representação a seguir.

No canto inferior da mesma página em que a caricatura de *Voltolino* desdenhava o “13 de maio”, à direita, vinha uma das ácidas notas sociais da redação de *O Pirralho*: “Olhem que sempre aparece cada coisa! Um macaco chamado Consul no Polytheama. Sem querer, a gente lembra-se do dr. Leopoldo de Freitas”.<sup>11</sup> A nota não se resignou à comparação direta por meio do texto e, como forma de complemento, a habitual ilustração veio ao auxílio do chiste, na página seguinte:

**Figura 9:**



<sup>11</sup> *O Pirralho*, 18 de maio de 1912, nº 41, p.8. A ortografia foi atualizada.



Fonte: *O Pirralho*, 18 de maio de 1912, nº 41, p. 9

Aos desavisados, a menção ao macaco que atendia pelo nome *Consul*, em um dos principais teatros da cidade, o *Polytheama*, poderia passar apenas como mais um gracejo dos redatores da revista, mas a ilustração tratou de oferecer elementos complementares ao leitores, quando o animal, apreensivo, informava: “Não me confundam com o de Guatemala”. Por meio do jogo de palavras, os redatores da revista, auxiliados pelo ilustrador *Voltolino* (sempre ele!), se valeram do sugestivo nome do animal que estaria no teatro da cidade para relacioná-lo ao escritor e jornalista Leopoldo de Freitas Cruz, que na ocasião ocupava o posto de cônsul da República da Guatemala.

Leopoldo de Freitas – como assinava e era reconhecido – era um recorrente nome na imprensa brasileira da Primeira República. Com textos publicados em dezenas de periódicos no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, além de outras dezenas de menções por jornais e revistas desde o sul até o nordeste do país, Freitas escrevia sobre literatura, história e política. O escritor, nascido na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 1863<sup>12</sup>, desde o início do século XX estabeleceu-se em São Paulo, local de sua formação bacharelesca realizada na prestigiada Faculdade de Direito paulistana, concluída em 1891,<sup>13</sup> e cidade na qual faleceu, em 1940 (ALMEIDA, 2019).<sup>14</sup> Entre os anos de 1907 e 1924,<sup>15</sup> Freitas ocupou o cargo de cônsul por indicação do Barão do Rio Branco.<sup>16</sup> Oriundo de uma família que tinha ascendência afro-brasileira por parte de

---

<sup>12</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre – RS – Brasil. Livro de batismo da Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus, nº 16, f.177v.

<sup>13</sup> Jornal *Novidades* (RJ), 5 de novembro de 1891, p.2; Jornal *A Gazeta* (SP), “Recordando-se dos bons tempos”, 18 de dezembro de 1916, p.3.

<sup>14</sup> Jornal *O Imparcial* (RJ), 27 de janeiro de 1940, p.2; Jornal *Correio Paulistano* (SP), “Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo”, 11 de fevereiro de 1940, p. 1.

<sup>15</sup> A *exequatur* de posse deu-se em 24 de abril de 1907 e durou até 13 agosto de 1924, por ocasião da cassação empreendida pelo presidente Arthur Bernardes, em face do suposto envolvimento de Leopoldo de Freitas como opositor ao governo na chamada Revolta Paulista de 1924. Ver Jornal *Correio Paulistano*, 14 de agosto de 1924, p.1; *Relatório do Ministério das Relações Exteriores*, 1º de janeiro a 30 de abril de 1912. Rio de Janeiro, 1912, p. 160; *Relatório do Ministério das Relações Exteriores*, 30 de abril de 1924 a 3 de maio de 1925. Rio de Janeiro, 1926, Anexo C, p. 19.

<sup>16</sup> Revista *The Brazilian Review*, 28 de maio de 1907, v. X, n.22, p. 624.



mãe,<sup>17</sup> Leopoldo de Freitas, além da consciência derivada de sua própria vivência, provavelmente conhecia os debates sobre a situação social dos negros no Brasil, visto que partilhou do mesmo espaço de produção intelectual de abolicionistas notórios como José do Patrocínio e Olavo Bilac,<sup>18</sup> sem, contudo, publicamente tomar partido, o que se deduz pela ausência do tema em sua produção autoral.<sup>19</sup> Por sua longa trajetória na vida pública paulistana, em função da colaboração na imprensa periódica de temática diversa, o personagem era figura recorrente em eventos das elites políticas e econômicas daquela cidade, e, como já vimos, aí estava razão suficiente para ser mais um dos alvos de *O Pirralho*.

Na sequência da provocação, não foi possível identificar desdobramentos imediatos que tenham implicado em retratações dos redatores ou resposta direta do ofendido. Em algumas edições dos meses subsequentes, o nome de Leopoldo aparece entre outros gracejos ou em menções mais formais, como aquelas que dizem sobre sua participação em agremiações literárias ou em eventos sociais. É provável que o descontentamento tenha sido registrado nos bastidores, por cartas ou telegramas, e fundamenta tal conclusão quatro edições publicadas entre os meses de outubro e novembro de 1912, na qual o sarcasmo da revista outra vez permite entrever a discriminação racial.

Como o exposto acima, uma das inovações de *O Pirralho* consistia na experimentação linguística que tinha por característica a utilização da oralidade popular identificada na cidade de São Paulo, especialmente relacionada ao imigrante e à

---

<sup>17</sup> A indicação da ascendência negra materna de Freitas nos é dada por seu irmão, Alcides de Freitas Cruz (CRUZ, 2017, p. 20). Quanto ao lado paterno, ainda não nos foi dado saber qual é a ancestralidade familiar e, por isso, ainda não sabemos quais são as possíveis definições de cor.

<sup>18</sup> Ver, por exemplo, a nota que coloca Freitas e Patrocínio na redação do jornal *Cidade do Rio*, quando da recepção a Alberto Santos Dumont na Revista *Don Quixote* (RJ), “Santos Dumont”, 20 de julho de 1901, p.1-2; ver também a nota de falecimento publicada em *O Imparcial*, acima mencionada, na qual Freitas é retratado como militante, ao lado de Patrocínio, no contexto da oposição ao então presidente brasileiro Floriano Peixoto. Com relação a Bilac, além da publicação de textos autorais de Freitas sobre o poeta, há a indicação de que trabalharam juntos no jornal *Diário Mercantil*, cf. CONSTANTINO, Antônio. Olavo Bilac, estudante em S. Paulo. *Revista Brasileira*, junho de 1940, p.171-191.

<sup>19</sup> As únicas referências – de um montante de mais de cem textos autorais – mais voltadas para um suposto envolvimento de Leopoldo com o que aqui classifico genericamente de “causa negra”, são os textos autorais e as menções ao personagem – a partir da década de 1920 – nas páginas do periódico *O Clarim da Alvora*, jornal criado por intelectuais negros e que tinha por objetivo promover o universo político e social da comunidade negra paulista e brasileira. De grande importância para a análise da trajetória de Freitas, o tema extrapola a proposta do presente artigo e, por isso, não será abordado aqui.



população interiorana. Tais textos tiveram tamanha importância na revista que ganharam seções específicas, com personagens próprias criadas pelos redatores. Foi através de uma dessas seções, intitulada *O Biralha: xornal allemongs* que o desdobramento das zombarias a Leopoldo, feitas desde o caso do macaco *Consul*, puderam ganhar corpo.

Em seu número 63, de 26 de outubro de 1912, a revista trazia mais uma edição de *O Biralha*, segmento do revista que tinha ares de periódico com vida própria, mas que não era assinado (CARRETO, 2011, p. 96), ficando, assim, a dúvida sobre sua autoria e, por isso, restando de responsabilidade coletiva. Na prosa que reproduzia a fala germano-brasileira, a referida seção trazia como texto principal a coluna “Androbloxia”, na qual o seu redator principal, um tal “Brofeszorr Peterslein”,<sup>20</sup> se propunha a investigar, nada mais, nada menos, do que a origem da humanidade! A historieta narrada pelo personagem fictício dá que, após coletar informações sobre a evolução humana, ele descobriu que o homem seria uma versão aperfeiçoada do macaco e, por isso, teve de ir em busca de um “intifituo” da “esbezie”. Então, Peterslein lembra-se do macaco *Consul* – aquele mesmo, noticiado em maio pela revista – e, antes de narrar seu encontro com o animal, ressalta que o dito *Consul* “nong esdà to Quademala”.<sup>21</sup> O diálogo entre os personagens é o seguinte:

- “Senhor *Consul*, eu sou o senhor Peterslein, e venho lhe fazer uma pergunta”.
- “Não atendo ninguém, senhor insolente”, disse o *Consul*.
- Och!* Espantei-me.
- “Mas, porém, senhor *Consul*, a minha intenção não é ofensiva!”
- “O senhor é um covarde, malcriado”, disse ele.
- “Tenha paciência! Eu preciso saber se o homem é o seu neto”.
- “Você é burro! O homem é meu bisneto, e não o neto”.
- “Muito obrigado”, respondi. “Publicarei a sua afirmação em meu jornal”.
- “Há de colocar, também, que eu fui militar e que não tenho medo de pessoa alguma”.
- “Sim, senhor *Consul*. Cumprirei fielmente as suas ordens.”

---

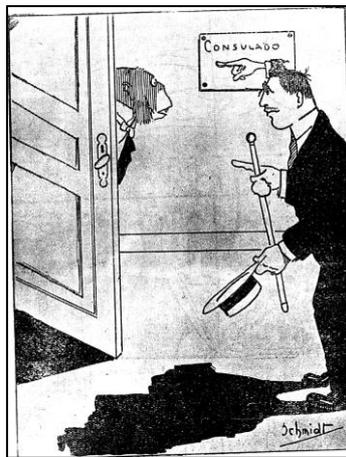
<sup>20</sup> Como se pode ver, a experimentação linguística residia, entre outras coisas, na adoção da expressão fonética *sui generis* da língua portuguesa pronunciada pelo falante da língua alemã. Por isso, nestes primeiros exemplos, nota-se que a letra “T” é substituída pela letra “D”, assim como a adoção de duas letras “R” ao fim da palavra “professor” sugere um cacoete derivado da tensão entre as pronúncias.

<sup>21</sup> Revista *O Pirralho*, 26 de outubro de 1912, n.63, p. 22. As expressões diretamente citadas não foram adaptadas ao português formal. O diálogo que segue, entretanto, passará por uma adaptação para que a compreensão de seu teor fique o mais clarificada possível. Isso será feito sempre que o texto envolver frases longas.



O diálogo sugere qualquer atrito anterior entre os dois personagens, e a tensão surge em expressões como “minha intenção não é ofensiva” e “o senhor é um covarde”. Além disso, a menção gratuita de que aquele *Consul* não era o da Guatemala, evoca a relação direta entre o animal e Leopoldo de Freitas. Decorreu cinco meses desde a primeira menção, em maio. Por que é que o tema voltou às páginas de *O Pirralho*, ou melhor, de *O Biralha*? Como não poderia ser diferente, o episódio veio acompanhado de uma ilustração, desta vez da pena de Schmidt.<sup>22</sup>

**Figura 10:**



Fonte: *O Pirralho*, 26 de outubro de 1912, nº 63, p. 22

Depois do adeus, o arrogado “naturalista” Peterslein informava que publicaria em edições futuras mais algumas informações que lhe seriam enviadas pelo *Consul*. Não obstante a “boa intenção” do personagem em oferecer contribuições para a ciência, ao leitor atento, entretanto, não deve ter escapado que na ilustração se pode ler, na placa fixada na parede, a indicação do local no qual aquele diálogo se passou, isto é, no “Consulado”. Aqui ficaria mais evidente, assim, a relação entre o *Consul* do *Polytheama* e o cônsul da Guatemala de quem tanto se procurava distinguir.

Uma semana depois, em 2 de novembro, *O Biralha* trazia uma “noda” informando que o *Consul* não enviara até aquela data as notas complementares que havia prometido quando do encontro em que o senhor Peterslein “guasi esdefe morrento te mêtô”.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Não encontrei referências biográficas para este ilustrador.

<sup>23</sup> Revista *O Pirralho*, 2 de novembro de 1912, n.64, p.25.



Sempre em tom jocoso, o redator daquela secção argumentava que, depois de ter pedido ao detetive *Bull Dog* – outro dos personagens da revista – que investigasse a razão da ausência de notícias sobre o macaco, tivera como resposta uma telegrama que dizia: “Gonzul não mais agui - Esdefe emparganto barra a zul te Prassil - Pull Toc”. Seria este outro indício da relação inequívoca praticada pela revista, a ida de *Consul* justamente para a região sul do Brasil, terra natal de Freitas?

Na edição de número 66, publicada em 16 de novembro a querela ficava ainda mais explícita, com um texto chamado “Ung nodizie valzo no Birralha”, em que Peterslein explicava a razão de terem criado um boato sobre o seu sumiço.<sup>24</sup> Em tom de crítica à ineficiência dos correios e telégrafos da cidade, o personagem explicava que, depois de ter sofrido uma suposta ameaça por parte do cônsul da Guatemala – desta vez, sem jogo de palavras – ele teria fugido para o mato! E que, ao enviar uma carta para o dono de *O Pirralho* informando do acontecido, não imaginava que a mesma não chegaria ao seu destino, gerando, assim, a notícia falsa de seu desaparecimento. Dizia Peterslein:

O acontecimento é o seguinte: como os leitores devem estar lembrados, tivemos um acidente diplomático, o Cônsul da Guatemala e eu, Peterslein. Ora, muito bom! Depois do primeiro incidente, sofri atrozes coisas! Ninguém pode fazer a menor ideia! Pobre de mim!

O personagem dizia ainda que o elemento determinante para a sua fuga fora o catastrófico telegrama que recebera, transcrito por ele assim: “Peterslein – São Paulo – Se você não tomar cuidado, enviarei navios, canhões que lhe matam – Presidente da gloriosa República da Guatemala”. Depois de ter explicado as razões de sua fuga e das notícias falsas a seu respeito, Peterslein finalizava dizendo: “a gorreio nong présda !!”.

O caso todo da anedótica e ficcional investigação sobre a origem do homem, assim como as tensões entre o redator de *O Birralha*, o cônsul e o próprio presidente da Guatemala, arrastou-se ainda por mais um número, com um desfecho mais cordial do que o provavelmente esperado. Na edição de 23 de novembro, nada era dito sobre o macaco

---

<sup>24</sup> Revista *O Pirralho*, 16 de novembro de 1912, n.66, p.21. Não encontrei nada relacionado ao caso no número 65, do dia 9 de novembro. A argumentação do personagem Peterslein sobre o seu “sumiço” também pode ter servido aos redatores como um artifício para justificar a não publicação da seção na referida edição.



*Consul*, sobre o cônsul da Guatemala ou sobre a origem do homem, mas, sim, sobre “os estrangeiros ilustres de São Paulo”. É claro, fizeram-no através de uma ilustração:

**Figura 11**



Fonte: *O Pirralho*, 23 de novembro de 1912, nº 67, p. 18

Na edição 67, assim, a ilustração que compunha a página da secção germano-brasileira trazia a figura do próprio cônsul da Guatemala, o dr. Leopoldo de Freitas, representado de maneira agradável, bem trajado, carregando consigo o que parece ser um livro, em uma demonstração que destacava a distinção social do representado. A querela parecia ter ali um fim, com o préstimo de Peterslein em não zombar mais de Freitas – não há no texto nada que faça a mínima referência ao caso. Porém, como quase tudo em *O Pirralho* insistia em não ser totalmente sério, a imagem trazia a fina ironia no título, classificando Leopoldo como um estrangeiro, exatamente pelo seu hábito de escrever sobre o mundo hispano-americano e por ser, ele mesmo, representante de um de seu países – bem pouco valorizado pela revista –, a Guatemala. Dizia a imagem, por fim, sobre a figura: “a mais illudre”. De todo, não há desculpas ou retratações, apenas mais gracejo, um tanto mais ameno, por parte daqueles que, “sem querer”, lembraram do dr. Leopoldo de Freitas.

## **PARA CONCLUIR, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE UMA PESQUISA EM MOVIMENTO**



It is an ever-continuing struggle to seize back their creative initiative in history through a real control of all the means of communal self-definition in time and space. The choice of language and the use to which language is put is central to a people's definition of themselves in relation to their natural and social environment, indeed in relation to the entire universe (THIONG'O, 1987, p. 4).

É bem possível que tenha havido qualquer represália por parte de Leopoldo de Freitas aos redatores da revista, principalmente por meios extra públicos, isto é, por cartas, telegramas, ou – quem sabe? – através de uma visita à redação daquele periódico. Não sabemos por que meios o registro do descontentamento se deu, contudo. O que nos é lícito supor é que Freitas provavelmente sabia de seu lugar social naquela cidade em transformação, isto é, o de homem negro em um mundo social que constantemente desmerecia a participação afro-brasileira em face do homem branco, seja ele imigrante ou nacional, na composição da nação que se imaginava na viragem do século da Primeira República.

Leopoldo seria citado em *O Pirralho* ao longo de quase todos os anos de existência do periódico (1911-1918) por razões variadas, mas não mais a partir de critérios relacionados à sua cor. Ora por sua suposta gula, ora pelo exagero de brindes que fazia nos eventos de que participava, ou mesmo em notas sociais sobre a vida social paulistana, Freitas em muito assemelhou-se às dezenas de “alvos” das anedotas e caricaturas da revista. Em muito, mas não em tudo.

O critério da cor parece ter sido um elemento extra nas zombarias daquele hebdomadário, especialmente quando o destinatário se tratava de figuras públicas afro-brasileiras. Assim o foi, por exemplo, com Nilo Peçanha e com Francisco Glicério, políticos do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente. Para o primeiro, várias são as referências dúbias ou diretas à sua ascendência afro, como aquela do dicionário satírico publicado em 1913, no qual a letra N trazia a palavra “nicromancia” e, como definição para tal verbete, diziam os editores: “coisas de negros e mulatos. O Nilo tem”<sup>25</sup>; para o segundo, a questão da mestiçagem ficava mais evidente, uma vez que as menções

---

<sup>25</sup> Revista *O Pirralho*, 2 de agosto de 1913, nº 102, p. 6. Nilo Peçanha seria também alvo de ataques ao longo de toda existência da revista, e, para o seu caso, as referências à sua cor eram sempre constantes. O curioso no caso de Peçanha era que a virulência de *O Pirralho* podia se tornar uma admiração ao sabor de das ações políticas daquele personagem, isto é, se Nilo Peçanha fazia alguma ação política que agradava aos editores, era herói, se alinhava-se aos opositores dos redatores, era “cabra” e “abissínico”. Ver, por exemplo *O Pirralho*, 16 de agosto de 1913, p. 5; 15 de março de 1913, p.1913; e 11 de junho de 1911, p.11.



relativas ao político sugeriam a percepção que os redatores tinham do posicionamento de Glicério sobre as definições de cor então vigentes, como fica exposto num azedo texto publicado na edição de 17 de maio de 1913, intitulado *13 de maio*: “no dia de hoje, o que há de mais difícil é encontrar um mulato na rua. O mestiço tem horror ao 13 de maio. Sair à rua quando os negros comemoram a lei áurea é, para os irmãos em cor do general Glicério, uma ignominia”.<sup>26</sup>

Exemplos como esses, assomados às análises sobre a representação do negro e, mais diretamente, sobre Leopoldo de Freitas, procuraram demonstrar o acento discriminatório da revista paulistana *O Pirralho*, periódico considerado como um dos portadores das propostas modernistas que dentro de alguns anos iriam impactar profundamente o cenário da produção cultural brasileira, a partir de 1922. Tais práticas representativas não foram uma invenção paulistana, visto que possuem raízes na elaboração teórica secular e religiosa que em muito colaborou para o estabelecimento e a manutenção de práticas coloniais e neocoloniais em escala global, a partir da hierarquização dos grupos humanos e das definições de lugares sociais. Estenderam-se no tempo, entretanto, chegaram à redação modernista de *O Pirralho*, e naquelas páginas esconderam-se por trás do riso.

Embora não tenha sido a minha intenção neste artigo desqualificar a revista por estas razões que lhe outorgam importância, sublinho a necessidade de revisitarmos tais veículos da imprensa tão celebrados pela crítica especializada para, assim, resgatarmos práticas pouco louváveis que, dentre outras coisas, perpetuavam uma representação essencialista do negro, fosse ele popular ou um membro das elites políticas e sociais. Mas não só. Também nos cabe visitar tais periódicos para neles encontrarmos a presença negra real. Contar suas histórias e evidenciar seus protagonismos, se possível, por seus próprios termos. Nas casas, nas ruas ou nas embaixadas.

Para finalizar, diferente do que foi a tônica até aqui, trago uma fotografia ao invés de uma caricatura.

---

<sup>26</sup> Revista *O Pirralho*, 17 de maio de 1913, nº 91, p.1. A ortografia foi atualizada.



Figura 12:



Fonte: O Pirralho, 21 de dezembro de 1912, nº 71, p.16

No penúltimo número da revista daquele ano de 1912, *O Pirralho* publicava a imagem dos “galantes filhinhos” do então deputado estadual Carlos de Campos, no que parecia ser um momento de descontração em família. Sorrisos tímidos, curiosidade, e um pouco de sisudez do pequeno menino. Ao lado e com eles, a presença de duas mulheres negras. Parte daquela família – ainda que talvez não pelo sangue –, parte daquela casa, e parte da sociedade paulistana. Antes de caricaturas, mulheres reais, com nomes e sobrenomes ali não mencionados nem de través, em uma lógica de ocultamento como aquela encontrada na produção da imagem de *A mulher negra de turbante*, com a qual abrimos este artigo. Talvez mães de filhos que, se chegassem a posar para fotos, certamente não seriam estampados em *O Pirralho* com aquele título que nomeava a fotografia dos filhinhos do dr. Carlos de Campos: “os nossos amiguinhos”. Mas elas estavam lá, muito mais do que caricaturas, mulher reais. Encontramo-las!

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. F. DE. Les deux neveux de Leopoldino: notes sur une famille noire au sud du Brésil (1818-1940). Disponível em <https://histoireengagee.ca/les-deux-neveux-de-leopoldino-notes-sur-une-famille-noire-au-sud-du-brasil-1818-1940/24> jan. 2019. Acesso em: 25 de junho de 2020.



ALMEIDA, S. C.; SILVA, R. S. Do (in)visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 26, n. 52, 2013, p. 316–345.

ANDREWS, G. *América Afro-Latina, 1808-2000*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ARAÚJO, J. M. O. O Pré-modernismo: a luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro. *Pensares em Revista*, n. 1, 2012, p. 117–134.

BORGES, A. C. M. *A sátira política em O Pirralho: Juó Bananére e o Hermismo - 1911 a 1915*. Tese (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

BRASIL, B. O Pirralho. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-pirralho/>>. Acesso em: 16 maio. 2020.

BROWN, V. Social Death and Political Life in the Study of Slavery. *The American Historical Review*, v. 114, n. 5, 2009, p. 1231–1249.

CALDEIRA, A. M. *Escravos e traficantes no império português: o comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2013.

CARDIM, M. *Identidade branca e diferença negra: Alberto Henschel e a representação do negro no Brasil do século XIX*. Tese (Mestrado em Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

CARRETO, R. DE O. *O Pirralho: barulho e irreverência na Belle Époque Paulistana*. Tese (Mestrado em Estética e História da Arte). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

CASTRO, C. The transnational imagined community of the black press of Sao Paulo and Chicago, 1900-1940s. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 30, n. 60, 2017, p. 71–92.

CHALMERS, V. M. A crônica humorística de “O Pirralho”. *Revista de Letras*, v. 30, 1990, p. 33–42.

\_\_\_\_\_. Oswald de Andrade n’O Pirralho. *Remate de Males*, v. 33, n. 1–2, 2015, p. 91–111.

CHARTIER, R. Le Monde Comme Représentation. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 44, n. 6, 1989, p. 1505–1520.

CHINEN, N. A imagem do negro no humor gráfico brasileiro do século XIX até meados do século XX. *Via Atlântica*, n. 18, 2010, p. 57–75.

CHRÉTIEN, J.-P. Hutu et Tutsi au Rwanda et au Burundi. In: AMSELLE, J.-L.; M’BOKOLO, E. (org.). *Au cœur de l’ethnie: ethnie, tribalisme et État en Afrique*. Paris: La Découverte, 1999.

CÔRTEZ, G. X. DA C. “Leitoras”: gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916). *Afro-Ásia*, n. 46, 2012, p. 163–191.

CRESPO, R. A. *Crônicas e outros registros: flagrantes do pré-modernismo (1911-1918)*. Tese (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990.

CRUZ, A. *Mestiço, mulato ou negro*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2017.

DOMINGUES, P. *Imprensa Negra*. In: GOMES, F. DOS S.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FARIAS, J. B. João do Rio e os africanos: raça e ciência nas crônicas da belle époque carioca. *Revista de História*, n. 162, 2010, p. 243–270.

FONSECA, C. *Juó Bananere: o abuso em blague*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GOMBRICH, E. H. Magia, mito y metáfora: reflexiones sobre la sátira pictórica. In: \_\_\_\_\_. *Los usos de las imágenes: estudios sobre la función social del arte y la comunicación visual*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

GONÇALVES, A. N. DA S. *Luíza Mahin: uma rainha africana no Brasil*. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

GUIMARÃES, A. S. A. A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça). *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 1, n. 2, 2011, p. 17–36.

HALL, S. *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán: Envió editores, 2014.

HASLAM, N. Dehumanization: An Integrative Review. *Personality and Social Psychology Review*, v. 10, n. 3, 2006, p. 252–264.

HOFBAUER, A. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, v. 1, n. 42, 2003, p. 63–110.

LEITE, S. H. T. DE A. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista, 1900-1920*. São Paulo, SP: Editora UNESP, Fundação, 1996.

LUSTOSA, I. Negro humor: a imagem do negro na tradição cultural brasileira. *Revista USP*, n. 9, 1991, p. 161–170.

MAGALHÃES, A. M.; RAINHO, M. DO C. A mulher negra de turbante, de Alberto Henschel. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=19480>. Acesso em: 15 maio de 2020.

MANJI, F. Emancipation, freedom or taxonomy? What does it mean to be african? In: SATGAR, W. (Ed.). *Racism After Apartheid: Challenges for Marxism and Anti-Racism*. Johannesburg: Wits University Press, 2019.

MENDONÇA, J. M. N. Memórias da escravidão nos embates políticos do Pós-abolição. In: ABREU, M.; DANTAS, C. V.; MATTOS, H. M. (orgs.). *Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos*. Niterói: Editora da UFF, 2014. v. 1.

MOURA, C. *Dialética radical do Brasil Negro*. São Paulo: Ed. Anita, 1994.



NOGUEIRA, I. B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 135, 1999, p. 40–45.

PATTERSON, O. *Slavery and social death: a comparative study*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

PINTO, A. F. M. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

RAMOS, A. G. O problema do negro na sociologia brasileira. In: *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 163–215.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARZ, R. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são? - Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 11–29.

SELA, E. M. M. *Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro, ca. 1808-1850)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

SEYFERTH, G. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Anuário Antropológico*, v. 18, n. 1, p. 175–203, 1994.

SILVA, M. Pré-modernismo e Historiografia Literária Brasileira (Para o Estabelecimento de um Cânone Pré-Modernista Brasileiro). *Latin American Literary Review*, v. 27, n. 54, 1999, p. 53–67.

SILVEIRA, R. DA. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 1999, p. 87–144.

SIQUEIRA, J. J. Pós-abolição, intelectuais negros e projeto de Brasil: notas de um estudo. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisador@s Negr@s - ABPN*, v. 10, n. 25, 2018, p. 82–100.

SMITH, D. L. Paradoxes of Dehumanization. *Social Theory and Practice*, v. 42, n. 2, 2016, p. 416–443.

STREVA, J. M. Colonialidade do ser e corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial. *Revista Antropolítica*, n. 40, 2016, p. 20–53.

SWEET, J. H. Defying Social Death: The Multiple Configurations of African Slave Family in the Atlantic World. *The William and Mary Quarterly*, v. 70, n. 2, 2013, p. 251–272.

THIONG’O, N. WA. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. Harare: Zimbabwe Pub. House, 1987.

VELLOSO, M. P. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. DE A. N. (orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. v. I, p. 351–387.



*Recebido 03/07/2020*

*Aprovado em 22/07/2020*